

SPHAN, CEAB, IPAC, OCEPLAN.

CENTRO HISTÓRICO  
SALVADOR

SALVADOR - 1983



## INTRODUÇÃO

A proposição foi motivada pelas razões seguintes:

1. A necessidade de integrar, às áreas tombadas pelo SPHAN no Centro da Cidade do Salvador, outros sítios de grande valor-arquitetônico, histórico e paisagístico, de destacados conjuntos de imóveis que possuem, igualmente, expressivos monumentos isolados, tombados individualmente, de real significação para a cidade, marcos determinantes de sua evolução.
2. A expectativa de redefinição do "Centro Histórico da Cidade do Salvador", para ser tombado pelo SPHAN, inicialmente, a nível nacional e posteriormente submetido à UNESCO, objetivando o seu tombamento como PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE, num reconhecimento tácito, a nível internacional, da importância do Centro Histórico da primeira capital do Brasil, portadora de um dos mais valiosos acervos culturais do país, reconhecidamente a mais brilhante urbis dentre as colônias portuguesas ultramarinas, cujo apogeu deu-se entre 1650 e 1800.

O trabalho foi dividido em duas etapas distintas, quais sejam:

- A - Definição da área do Centro Histórico para Tombamento Federal, ora submetido ao exame da DTC e do Conselho Consultivo da SPHAN.
- B - Delimitação da área do Entorno de Proteção do Centro Histórico, requisito fundamental para exame futuro da UNESCO.

Na efetivação do trabalho, houve, de imediato, ampla mobilização das esferas federal (5a. DR da SPHAN/FNPM e UFBA - através do CEAB da FAUFBA), estadual (IPAC) e municipal (OCEPLAN/PMS), tendo ocorrido união geral e soma de esforços para desenvolvi-

mento de ação integrada, desencadeada, em Salvador, a partir da presença da Arquiteta Lia Motta, da Divisão de Tombamento e conservação da SPHAN, complementada com a vinda posterior da Arquiteta Dora Alcântara, também pertencente à DTC da SPHAN.

A primeira etapa dos trabalhos que produziu a delimitação da área do Centro Histórico (Documentação gráfica, histórica e fotográfica), embora de interesse mais específico da SPHAN, contou com a participação dos órgãos que integram o grupo de trabalho, uma vez que, além da definição da Proposição para Tombamento Federal, tem-se que considerar os seguintes pontos relevantes:

1. Marcação em planta das áreas e imóveis já protegidos pela Legislação Estadual de Tombamento, bem como de outras áreas - em estudo a serem propostas para proteção, áreas estas que, inclusive, envolvem o "Centro Histórico" a ser tombado pelo Governo Federal, complementando portanto a proteção da SPHAN.
2. Determinação preliminar, em planta, da mancha de proteção do Entorno do Centro Histórico da Cidade do Salvador, área que merecerá do Município medidas importantes de proteção, instrumentalizando a Proposta de Tombamento Mundial dos requisitos fundamentais requeridos pela UNESCO.

Ainda sobre a atual "Proposição para tombamento do Centro Histórico", foi efetuada a integração dos acervos arquitetônicos e paisagísticos dos dois sítios já tombados pela SPHAN, na área Central da cidade, ou sejam:

- a) Perímetro dos subdistritos da Sé e do Passo (área do Pelourinho);
- b) Perímetro do Subdistrito da Conceição da Praia.

Com a integração dos citados acervos, incluindo-se neste conjunç

to de áreas de relevante valor urbanístico, arquitetônico e histórico (Praça da Sé, Rua da Misericórdia, Praça Municipal, etc) fica efetivamente delimitado o Centro Histórico de Salvador, cuja área conserva o caráter da Mancha Matriz, integralmente, na sua malha urbana e parcialmente no seu casario.

Concluindo, deve-se assinalar que a Proposição abrange, a nível federal, a proteção da encosta que divide as duas cidades - Alta e Baixa, de excepcional valor paisagístico, que compõe o convencionalmente denominado "Frontispício" da Cidade do Salvador" primeira impressão registrada pelos viajantes que chegam à Baía de Todos os Santos. Com isso visa-se conceder-lhe a indispensável proteção ambiental.

## FUNDAMENTOS HISTÓRICOS POLÍTICOS E SOCIAIS

A afirmação de que o Brasil não teria merecido de Portugal um interesse maior nos primeiros anos após o seu descobrimento, é uma constante, desde os antigos manuais escolares até os mais recentes e elaborados trabalhos de pesquisa da História do Brasil Colonial.

Envolvia com o rendoso comércio com o Oriente, a Coroa portuguesa preteriu o Brasil no tocante a maiores investimentos, limitando-se, durante as primeiras 3 décadas após o descobrimento, - ao envio de frotas de reconhecimento da costa e ao estabelecimento de feitorias litorâneas para a exploração do pau-brasil, atividade que, embora rendosa, não se comparava, nesse aspecto, ao que era obtido na Índia. Eram pouco sedutores os produtos brasileiros: "Uma embarcação armada por Loronha e alguns sócios, que saiu de Lisboa em fevereiro de 1511, a Nau Bretoa, levou de regresso uma carga composta de pau-brasil, escravos, tuins, gatos, saguís e papagaios. Era quase tudo o que daria a terra por aqueles tempos". ( 1 ) Era muito pouco para quem supria os mercados europeus de produtos orientais...

De qualquer forma, por essa época tendo o litoral brasileiro já fora praticamente percorrido por expedições comerciais ou de reconhecimento.

A certeza de que as frequentes incursões de franceses, ingleses e castelhanos punham em risco o domínio português na nova terra, e a constatação de que uma defesa eficaz só poderia advir do seu povoamento, levaram a Coroa a tomar medidas nesse sentido, - sendo o envio, em 1531, da expedição de Martim Afonso de Souza a primeira delas.

Entretanto, expedições como essa e como as anteriores de policiaç

mento da costa representavam grande sacrifício para a descapitalizada monarquia portuguesa, que, pelo início da 3a. década do descobrimento do Brasil vê uma saída para o problema do seu povoamento: entregá-lo à responsabilidade de uma classe nova, oriunda de negociantes e funcionários enriquecidos com os negócios das especiarias, agora entusiasmados com as perspectivas que oferecia o domínio além-atlântico, e com capitais para investir nele. Foi assim criado o sistema de capitanias, aparentemente generoso da parte da Coroa que distribuía dâdivas coloniais aos que possuissem recursos para arrotear as glebas que se lhes ofereciam. Os resultados foram decepcionantes, "porquanto não tardou a se evidenciar constituir empresa demasiada para simples particulares. Somente o Estado, com seus múltiplos recursos estava em condições de arcar com tamanhos encargos, esmagadores pela distância e prejuízo de trabalhosa navegação de vela" ( 2 )

"O Governo-Geral marcou o desfecho da tentativa de exploração do Brasil por meio de iniciativa particular. O vulto da empresa desbravadora e a ambição de nações desejosas de conquistas ultramarinas impuseram, daí, a participação direta e intensiva do poder monárquico. Era a única solução de momento para resguardo dos resíduos das capitanias, assim como meio de resistência às crescentes incursões dos ingleses na Amazônia e franceses no Maranhão" ( 3 )

Com a implantação do Governo-Geral lançam-se as bases da América Lusitana, anunciadas na carta onde D. João fazia saber "que vendo quanto cumpre a serviço de Deus e meu conservar e enobrecer as capitanias e povoações que tenho nas minhas terras do Brasil ordenei agora de mandar fazer uma fortaleza e povoação grande e forte na Baía de todos os santos, por ser para isso o mais con-

veniente lugar que há nas ditas terras do Brasil para dali dar - favor e ajuda a outras povoações"... A mesma carta dava a Tomé - de Souza o cargo de "governador geral da dita capitania e de outras terras da costa".

Tendo determinado que Tomé de Souza instalasse as bases do novo-estabelecimento na Baía de Todos os Santos, D. João ordena-lhe , através do Regimento, a "fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente".

Escolhido o sítio para a fundação, apenas passadas algumas semanas depois do desembarque lançam-se o Governador e seus auxiliares à tarefa que se lhes tinha atribuído, demonstrando a especialização de muitos desses auxiliares que se tratava de levar a cabo uma empreitada urbanística, Iniciava-se assim, a fundação de S. Salvador, povoação que, conforme o conceito de muitos historiadores, já nasceu cidade, a primeira do Brasil. Dessa vocação urbanístico-administrativa vão, aos poucos, decorrendo as demais - que caracterizarão a primeira capital do Brasil, atribuindo-lhe a posição ímpar que irá ocupar, não só em termos de Brasil, como em termos de América.

Se atentarmos para os trabalhos de projeto de edificação da nova cidade, cuja a direção foi dada a Luiz Dias, verificaremos que - eles, em si, são uma demonstração cabal de que se construía não- apenas uma cidade, mas no testemunho, a síntese do que foi a - grandiosa capacidade lusitana de se adaptar, de enfrentar com - flexibilidade os obstáculos para melhor contorná-los e ir adiante, do que resultou um dos mais belos e felizes exemplos de empreitada de colonização jamais intentado por países europeus no cinturão intertropical do globo, conforme bem o ressaltou Gilberto Freire" ( 4 ), Embora fosse hábito da Coroa prever o envio de

tudo quanto pudesse ser necessário para um empreendimento como o projetado, tal providência, exequível em domínios mais próximos - como os da África e Açores, mostrava-se dificilmente praticável - para os da Índia e do Brasil.

Em tais casos contava-se com os recursos da terra para suprir as falhas impossíveis de se prevenir, resultando daí, muitas vezes, improvisações que acabavam por se tornar soluções definitivas, diante da impossibilidade de se contar, na terra, com os recursos e materiais esperados.

Assim é que o Regimento de Tomé de Souza manda que "se faça uma fortaleza...e não achando na terra aparelho para a dita fortaleza fazer de pedra e cal, far-se-á de pedra e barro, ou taipes de madeira, como melhor poder ser".

As demais construções da cidade ficavam na dependência dos recursos proporcionados pela terra, que com exceção das madeiras, não eram muitos, desafiando a capacidade inventiva dos recém chegados. Luiz Dias, por exemplo, constrói o baluarte da Ribeira do Góis com paus de mangue que por serem aquáticos, são extremamente resistentes, ("como ferro", dizia ele).

Aos poucos os recém chegados vão aprendendo a suprir as faltas e deficiências de material, e a marcha das construções se ressentem da precariedade dos materiais, que não permitem fazer nada de definitivo.

Nas obras da cidade aos portugueses muito vão ajudar os índios da terra, liderados por Caramuru. A proximidade e a frequência desses contactos vai fazer de Salvador testemunha de mais uma das características da colonização lusitana no trópico: a miscigenação com o gentio.

O desestímulo oferecido pela Coroa portuguesa ao embarque de mu-



lheres nas frotas que se destinavam ao ultramar fez prevalecer - aqui, como de resto nas demais colônias lusas o costume de aman- cebarem-se os adventícios com mulheres indígenas. A tripulação de Tomé de Souza parece não ter fugido à regra, tanto que há no- tícia de que alguém pedira ao governador uma escrava que este - trouxera, dizendo que queria alforriá-la, e de outra mulher que - chegou a ser motivo de luta para ver quem ficava com ela. Já em - 1549 o Pe. Manoel da Nóbrega queixava-se desse hábito. O fato é c que a falta de mulheres constitui-se um problema, ~~acontecendo~~ ~~com~~ com certa flexibilidade pelos homens encarregados de fazer - cumprir as leis, pelos clérigos e pelo próprio bispo D. Pedro - Sardinha, para escândalo de Nóbrega, que pedia a vinda de muitas mulheres "e de toda a qualidade, até meretrizes, porque há aqui - várias qualidades de homens ( ... ) e deste modo se evitarão peca - dos e aumentará a população no serviço de Deus". ( 5 )

"Porque a principal causa que me move a mandar povoar as ditas - terras do Brasil foi para que a gente dela se convertesse à nos- sa Santa fé católica, vos encomendo que pratiqueis, digo, muito - que pratiqueis com os ditos Capitães e Oficiais a melhor maneira que para isso se pode ter e de minha parte lhes direi que agrade - cerei muito terem especial cuidado de os provocar a ser ~~em~~ ~~cris~~ - tãos...". São frequentes no Regimento de Tomé de Souza as passa - gens que, como esta, manifestam a importância do propósito reli - gioso da empreitada. Tal preocupação evidencia-se na presença de religiosos entre colonos, artífices, operários e soldados vindos - na expedição. Uma vez assentados a casa da Câmara e o palácio do Governo, deu início o Governador à construção da igreja dedicada a N. S. da Ajuda, servindo essa capela de matriz logo que a nova cidade foi erecta em paróquia por D. Pero Fernandes Sardinha.

Como todas as demais providências, a de instalação e funcionamento do espiritual na empreitada, não se fez sem problemas: clérigos pouquíssimos, de poucas letras e muitos vícios. Como dizia Nóbrega em carta de abril de 1549: Cá há clérigos, mas é a escória do que de lá vem. Antes já dissera: "Dos sacerdotes ouço coisas feias".

Nóbrega fez as vezes de cura enquanto não lhe mandavam o vigário geral que tanto reclamava, e juntamente com os padres e irmãos da Companhia tentava implantar alguma ordem no caos e miséria existentes: não se dispunha de óleo nem para batizar nem para ungir. Nóbrega começa a reclamar um bispo, mas que viesse "para trabalhar, não para ganhar".

A bula Super Specula Militantis Ecclesiae, de 25 de fevereiro de 1551 criava o novo bispado de S. Salvador, desligando-o do arcebispado de Funchal, passando-o a sufragâneo de Lisboa. "A povoação será elevada a Cidade, e a Igreja de S. Salvador, a Catedral, com a mesma invocação, sob um só Bispo..." (6). A bula de criação trazia também o provimento e confirmação do Bispo D. Pero Fernandes Sardinha, que a 22 de junho de 1552 desembarcava na sua diocese, a primeira do Brasil.

Com o poder temporal praticamente elaborado no Regimento, e posto a funcionar na nova cidade; e com o governo eclesiástico a ele associado, completava-se a estrutura administrativa do Brasil.

Restava atender às outras recomendações do Regimento, e então vão sendo tomadas medidas cujos resultados nem sempre serão imediatos, mas que não deixarão de se manifestar, ora lenta, ora rapidamente, evidenciando cada vez mais a importância de Salvador, a princípio como centro administrativo de onde emanam essas medi

das, e, com o correr do tempo, como centro urbano, comercial, portuário, militar, religioso, cultural, que colhe os frutos produzidos por elas.

Já pelo século XVI, Portugal como que habituara a Europa ao consumo dos produtos tropicais. Com experiência anterior do cultivo da cana de açúcar praticado nos Açores, os portugueses souberam reconhecer as boas condições do solo e clima da região em torno de Salvador, onde passam a praticar essa cultura, principalmente a partir de 1560, quando foram expulsos do Recôncavo os índios que aniquilaram os primeiros esforços. As culturas se desenvolvem ao longo dos rios, dada a necessidade da água para o fabrico do açúcar, para o seu transporte e exportação.

Já se dissera que as verdadeiras minas do Brasil tão ambicionadas pela Coroa, eram, em realidade, o pau-brasil e o açúcar produzido nas várzeas nordestinas.

No final do século XVI o açúcar favorecia o desenvolvimento cada vez maior da função portuária de Salvador, pois o cultivo da cana respondia não só pela exportação, como necessitava da importação de escravos, o que estimulou uma cultura paralela nas terras vizinhas: a do fumo, utilizado como moeda na compra de escravos nas costas africanas.

A cobiça pelo açúcar brasileiro, por cuja distribuição na Europa eram os Países Baixos os grandes responsáveis, motivou, em 1623, a invasão da Bahia pelos holandeses.

Essas zonas nitidamente monocultoras vizinhas de Salvador, vão depender diretamente de uma outra, também próxima, que irá especializar-se na produção de produtos alimentares.

" Nesse momento começa a se esboçar o papel que (Salvador) desempenhará em toda a sua história: o de um porto de exportação-

de produtos agrícolas não consumíveis localmente, bem como o de-  
porto de importação de utilidades que é incapaz de produzir, mas  
de que necessita, seja para a sua própria população, seja para a  
do seu arriére pays".

Então, Salvador vê juntar-se à sua primitiva função administrati-  
va e militar um papel de metrópole regional. Poderíamos dizer que  
nesse momento começa a ter um papel verdadeiramente urbano. É a -  
capital econômica do Recôncavo" ( 7 ).

A expansão da zona de influência vai se dar a partir do séc. -  
XVIII, com a multiplicação das fazendas de gado, e com a desco-  
berta do ouro na Chapada Diamantina. Salvador, passa a ser o cen-  
tro de abastecimento de uma vasta região que inclui boa parte -  
dos estados do Piauí e de Minas Gerais, ao mesmo tempo que se -  
torna um porto de exportação, não apenas do açúcar e fumo, como-  
também do ouro. Torna-se a metrópole de uma região muito mais -  
vasta do que era no século anterior, uma região mais extensa do  
que o atual estado da Bahia.

Observa-se então, que Salvador, a cidadela, a cédula inicial, fe-  
cundada pelo propósito lusitano de estabelecer o povoamento do-  
Brasil, aos poucos vai-se tornando como que o organismo cujo pro-  
grama se achava todo estabelecido no Regimento de Tomé de Souza.  
Organismo onde pulsam a função administrativa, a religiosa, a e-  
conômica, a comercial, a portuária e, sobretudo, onde, a princí-  
pio lentamente, e aos poucos de maneira cada vez mais intensa, -  
pulsa o sentido de brasilidade.

Sérgio Buarque de Holanda oferece-se à persistência, por longo -  
tempo, da crítica que é feita àqueles moradores que não se ape-  
gam à terra, que vivem aqui "ao longo do mar, mais hóspedes que  
povoadores", como se queixava Diogo de Campos em 1612. Entretan-

to, o autor conclui: "a existência de tais críticas já não indicaria por si só o valor positivo que aos poucos começará a ganhar o ideal de uma vinculação maior à vida da colônia? E, ainda, não sugere a presença, cada vez mais considerável, apesar dos muitos inadaptados, que jamais desaparecerão de todo, de elementos plenamente radicados na terra e em condições de melhor contribuir para sua riqueza?" ( 8 ). E não estaria aí, perguntamos nós, a origem de um traço tão marcante do caráter brasileiro? a nostalgia? Como afirma Cid Teixeira (na edição de 12 de junho de 1983 do Jornal da Bahia), "... a saída dos válidos de Portugal à busca de melhor fortuna foi a tônica do povoamento do mundo lusíada.

À custa, é claro, de toda uma torção saudosa no caráter português, que o marcou, para sempre". Por alguma razão a palavra saudade só existe na língua portuguesa...

É essa brasilidade que já em vários momentos tivera ocasião de manifestar-se, que no início do século XIX virá à tona com toda a força, com toda a intensidade, para a consolidação da independência brasileira, numa guerra contra quem? Contra os portugueses:

Quanto a esse órgão ao mesmo tempo centralizador e difusor de atividades, como se mostra ao espectador, no pleno exercício de tantas funções? Esse espectador é, com frequência, o viajante estrangeiro, que desde os primeiros tempos aporta em Salvador, graças a mais uma das funções da cidade: a de ser ela ponto importante na rota de embarcações, que partindo da Europa, Ásia ou África, demandam os portos brasileiros ou hispano-americanos das costas do Pacífico, ou vice-versa.

De Salvador, enquanto Capital da Colônia, temos informações dos

seguintes viajantes: Pyrard de Laval (1610), Francisco Corrêal- (1685), Froger (1695), Dampier (1699), Oficial negreiro anônimo (1703), Frezier (1714), La Barbinais (1717) e Mrs. Kindersley., que visitou a cidade no ano seguinte ao da transferência da capital.

Capital do Brasil durante três séculos, Salvador é a mais antiga e característica das cidades brasileiras. Se fatores de ordem estratégico-econômica a privarem, em 1763, de sua função de sede administrativa do Brasil colônia, a perda dessa função não significou a perda de sua importância, nem lhe usurpou o papel de verdadeira capital de uma grande região.

Wanderley de Pinho fala do início do séc. XIX como o início de uma nova era para a Bahia, começada com a estadia em Salvador, por 33 dias do Príncipe Regente. Ao deixar a Bahia em 26 de fevereiro de 1808, D. João deixara sinais de que uma realidade nova se iniciava: o germe da universidade, através da criação da Escola Médico-Cirúrgica - emancipação da cultura; licença para implantação de fábricas, abrindo caminho para emancipação industrial; abertura dos portos, com conseqüente libertação do comércio.

A abertura dos portos trouxe, como conseqüências imediatas, a - lém, evidentemente, das econômicas, as sociais, pela chegada de grande número de negociantes estrangeiros, principalmente ingleses, que trazem novos hábitos, assim como de homens de ciência, como opix e Martins, e de muitos outros visitantes ilustres, cujos depoimentos são documentos valiosos para o estudo da vida baiana nos seus mais variados aspectos.

De 1808 a 1821, transcorre-se um período importantíssimo da história da Bahia, marcado por grande desenvolvimento em todos os setores.

Em 1810, assume o governo o Conde dos Arcos, cujo mandato foi

marcado por uma série de obras, atos e estímulos a que se junta a iniciativa privada. O ensino é assistido com a criação de inúmeras escolas; aprimora-se a cultura com a circulação de jornais, com a impressão de livros, fundação de Biblioteca Pública; embeleza-se a cidade com a construção do Passeio Público e da Praça do Comércio, a primeira do país, com seu bellissimo palácio; tomam-se providências de caráter militar, com a construção de fortificações, de uma fundição; cuida-se da saúde pública disseminando-se a vacina antivariólica:

Uma nova e importante fisionomia assinala o período do Governo do Conde da Palma (1818 - 1821). Pode-se dizer que se manifesta agora a verdadeira consciência política brasileira. Na Bahia, a revolução de 1821, levada a cabo especialmente por reinóis, teve a colaboração dos nacionais, que nela entraram como inocentes úteis, mas que não demoraram a perceber o equívoco e os verdadeiros interesses anti-brasileiros dos revolucionários. Alguns meses após, vão colocar-se em campos contrários, com a eclosão de uma série de levantes de caráter nacionalista, anunciando, já, as guerras de independência que se seguiriam por algum tempo antes e depois do Grito de Independência. Não só Salvador, mas principalmente Cachoeira vai ter um papel preponderante.

Seguem-se a estas, separadas entre si por alguns anos, a crise federalista de 1832 - 1833, e a Sabinada em 1837, esta visando um separatismo provisório, a onde Salvador sediou o governo revolucionário. Um aspecto novo manifesta-se com a Sabinada: oposição à aristocracia. Os revolucionários, através da imprensa, lançam sobre os senhores de engenho que os combatem, os protestos de sua revolta pelos contrastes entre ricos e pobres.

Restabelecida a ordem pública, o desenvolvimento político-so -

cial passa a processar-se em ambiente de relativa calma, seguindo-se uma política eleitoral-partidária, que a partir de 1848 - irá se manifestar com maior clareza, já que até então o que se ouvia era mais a voz de indivíduos ligados a famílias de prestígio ou abastança.

No campo das obras públicas muitos trabalhos vão ser realizados no sentido de tornar mais confortável, e até se poderia dizer - mais segura a vida da Cidade, cuja topografia acidentada fora - responsável pelo perigoso e grave problema de corrimentos de terra, com sacrifício de vidas. Têm-se notícias de desabamentos em 1833, em 1843 e 1846. Assim, podem ser citadas como obras de grande vulto as realizadas para a sustentação da Mouraria, a consolidação das aldeiras e intercomunicação de bairros, assim como nivelamentos oferecem novas áreas ao desenvolvimento urbano, tal como o do Campo Grande em 1851, e abertura de novas vias, como a de rua da Vala. Cuida-se também do abastecimento de água, da iluminação e dos transportes públicos.

Com o crescimento dos negócios propiciado pela abertura dos portos, surge como atendimento a uma grande necessidade, a "Caixa de Descontos", fundada em 1817-1818, e que pode ser considerado o 1º banco fundado na Bahia, e ao qual se seguirão muitos outros no decorrer do século XIX.

Para Wanderley de Pinho, o grande ciclo de desenvolvimento da Bahia encerra-se em 1855, com a terrível epidemia de cólera, que em poucos meses exterminou 30 mil baianos, sendo 7.987, só na Capital.

Continuará ainda no início do século XX, o porto de Salvador - sendo muito importante no País, continuarão os luminares da política baiana a brilhar ainda na República, mas o apego das classes



classes dominantes à cultura da cana impedirá a Bahia de concorrer em pé de igualdade com o Sul, principalmente São Paulo e Minas, que passarão a deter o poder político e econômico, mantendo-os, pelo menos o político, até o fim da chamada República Velha, em 1930. Na década de 60 assistir-se-á ao ressurgimento econômico da Bahia, e o surgimento de Salvador como o de uma metrópole moderna, com as vantagens e problemas que lhe são inerentes.

- ( 1 ) HOLANDA, Sérgio Buarque de: História Geral da Civilização Brasileira - A Época Colonial. Tomo I - vo Descobrim<sup>en</sup>to à Expansão Territorial - S. P. DIFEL, 1968 - pg. 90.
- ( 2 ) Idem, 97-98.
- ( 3 ) Idem, p. 106
- ( 4 ) Idem, p. 70
- ( 5 ) Cit. por Sérgio Buarque de Holanda à p. 119 op. cit.
- ( 6 ) VEIGA, Mons. Eugenio de Andrade: Os Párocos no Brasil - no período colonial - 1500-1822. Salvador, Ed. Beneditina, 1977 (Col. Cardeal Brandão Vilela - UCSal) p. 27

- ( 7 ) SANTOS, Milton. O-Centro da Cidade do Salvador. Salvador, Publicações da UFBA, 1959, p. 37
- ( 8 ) HOLANDA, Sérgio Buarque de: op. cit. p. 133

## EVOLUÇÃO URBANA

A criação e o crescimento da Cidade do Salvador nos oferecem várias lições importantes. A mais empolgante delas é notar se que os espaços se inserem no contexto histórico de quatrocentos anos, que vão representar quota da maior relevância na formação da nacionalidade. Aqui amalgamaram-se culturas solidificando a crença, criaram-se idéias precursoras da liberdade e construíram-se os alicerces da Grande Nação. A Cidade do Salvador é, por todos esses motivos, quer históricos, quer culturais, quer políticos, quer sociais, quer econômicos, tanto no sentido "plástico monumental" quanto pelo "conteúdo humano de expressão" merecedora de atenções especiais que visem valorizar o conteúdo e o prestígio de seu passado.

Esse "prestígio do passado é ainda onipresente naquelas ruas estreitas, praças e becos tortuosos, cuja decadência e cicatrizes a luz do sol aviva, mas que a noite, a noite morna dos trópicos, singularmente povoa o mistério de outros séculos". ( 1 ) Cidade de evocações históricas longinhas, mesclada de misticismo lendário, consubstanciou-se em realidade espacial nos dias de sua fundação, cumprindo o desejo da Corte Lusa em erguer nas terras de Além Mar um Grande Império. E foi aqui que D. João III mandou "fazer uma fortaleza e povoação grande e forte, em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações"... ( 2 ) A Bahia de Todos os Santos apresentava-se como o lugar mais conveniente da Costa do Brasil para se poder fazer a dita povoação e assento, pela disposição de porto e rios que nela entram, como pela bondade, abundância e saúde da terra.

A cidade marcou-se por limites topográficos rigorosos. O topo da colina trapezoidal seria o núcleo inicial do plano de Luiz Dias, que cedo se expandiu para o norte, conquistando nova cumeada, agora incorporada à Mancha Matriz.

Esta cidade do Salvador, desde o seu estabelecimento no século XVI, até os dias presentes, ainda conserva uma relativa importância. A cidade continua impressionando aos viajantes e dentistas que virão com o tempo.

O século XIX vem abrir seu porto às Nações amigas e o comércio vai ser intensificado. O centro histórico não se alteraria senão para introduzir novos elementos nas edificações já existentes. A cidade continua crescendo para fora, para a periferia e o seu porto vai tornando-se grande. A paisagem torna-se mais ampla e pla agora.

Se a Corte de D. João VI visita a cidade na infância do século XIX, é na maioria deste mesmo século que Salvador vê a Independência do Brasil, na entrada triunfal de 2 de julho.

A nobreza dos barões do Recôncavo concilia-se nos solares e sobrados, na Alfândega do Comércio, no trato com os estrangeiros e também circula nos salões das damas, nos saraus.

Nesses séculos a cidade adquiriu o dinamismo do lazer nos teatros, nos saraus, nos passeios públicos e jardins das praças. A cidade fez-se também cultura nas aulas dos lentes das Academias recém criadas. No mesmo centro histórico trilharam juntas as ciências e as artes: Medicina, Belas Artes, Farmácia e Arquitetura, ganhando corpo pelo tempo em fora.

A cidade visitada por príncipes e cientistas, impressiona por sua sua aparência, por suas atividades comerciais e por suas edificações. D. Pedro II, Maximiliano, Vom Martius e tantos outros -

do mesmo quilate e importância, que as laudas seriam poucas para registrar.

O centro histórico não vai perder a sua importância e a sua beleza, mesmo no século XX, quando a decadência entra por suas portas para alojar-se nas alcovas dos sobrados, de sua área mais antiga, maculando a grandeza de sua história.

Esse centro não perdeu o seu brilho de outrora, pois o desejo ardente das consciências em ver o espaço protegido, enaltece a singeleza de suas edificações e, pretende-se, hoje, alongar até os limites onde a vista alcança, essa área de interesse.

Aqui circularam comandando os atos temporais Tomé de Souza, Mem de Sá, Luiz de Brito de Almeida, Manoel Telles Barreto e Francisco de Souza, entre outros, que se destacaram consolidando a história. A eles juntaram-se os que trariam a cruz como estandarte, espalhando a Fé e solidificando também páginas da história de uma Nação: Pe. Manoel da Nóbrega, Pe. José de Anchieta, Pe. Fernão Cardim, Frei Vicente do Salvador, D. Pero Fernandes Sardinha, este último inaugurando o Bispado e o qual deu maior glória com o seu sacrifício e, também, D. Pedro Leitão e D. Marcos Teixeira, todos ao lado de nobres senhores, pioneiros que foram povoando as terras: Gabriel Soares de Souza, Sebastião de Farias, Cristovão de Aguiar D'Altro e Garcia d'Ávila.

A cidade foi tornando o fulcro de atrações aventureiras, ao promover riquezas escondidas na terra, nos sonhos de inesgotáveis minas de pratas e esmeralda, terra essa, que fora aos olhos dos navegadores o paraíso terreal.

Sua posição estratégica ao longo da costa a presidir o Golfão do Recôncavo do açúcar, não escaparia como ponto visado pelos holandeses em 1624 que pretendiam fundar e expandir-se em grande impé

rio econômico.

A ocupação efêmera não lhes deixou maiores marcas decorrentes - dessas paragens, senão cicatrizes esparsas na paisagem e em edi - ficações restauradas por forças filipinas que a restituíram ao domínio ibérico.

Já daí cresceu em centro metropolitano onde lusos, espanhóis , italianos, mouros, negros de muitas nações e índios de várias - tribos avizinham-se, habitando os espaços numa sociedade em formação, constituída também de mulatos, cafusos e mamelucos. Na amálgama das raças seguiam em paralelo a índole, a inteligên - cia e as vocações.

A cidade vai atravessar os séculos XVII e XVIII engalanando-se - as casas e enriquecendo as sua igrejas, não indiferente ao pro - cesso de expansão decorrente do estabelecimento de dois pontos - indicadores dessa mesma expansão. Os fortes de Santo Antônio - Além do Carmo e Barbalho do Norte, e o forte de São Pedro do - Sul, seriam esses marcos, aos quais ocorreram logo as manifesta - ções civis como a aninharem-se à sua sombra.

A cidade espreada-se além desses dois pontos, envolvendo as for - tificações, e consolidando a ocupação física nos solares e so - brados que buscavam esses caminhos.

A sua evolução não seria definida apenas pela direção norte sul já nomeada, mas ao contrário, seguiria de forma radial, para o leste, na segunda linha de cumeada, marcando-se pela ocupação - dos tesos, por edificações religiosas bem características como - o Convento do Desterro, o Conjunto de Nossa Senhora da Palma e, além, o Convento de Nossa Senhora da Lapa. A implantação dessas estruturas religiosas permitem o avizinhamo de exemplares da arquitetura doméstica, formando ilhas que se interligaram por -

estreitas e tortuosas ladeiras, ornadas de singelos sobrados - que foram, com o passar do tempo, formando a trama mais densa - do tecido urbano.

Por outro lado a linha Norte Sul não se estagnou em sua evolução, outros marcos da arquitetura religiosa inseriram-se no contexto da rede que se formava, com a igreja do Santíssimo Sacramento da Rua do Paço, Igreja de N. Senhora da Conceição do Boqueirão, Igreja de Santo Antonio Além do Carmo, está última extra muros e na direção norte. Para o lado sul assentaram-se o Convento de Santa Tereza, recolhido na encosta, com vista para a ampla baía, e, no alto, após São Bento, alcançava-se a Igreja de São Pedro Velho, que o urbanismo cirúrgico não poupou, e - mais além, situava-se o convento de Nossa Senhora da Piedade - juntamente com as igrejas de N. S. do Rosário e Mercês. Essas edificações são identificadas hoje, pelo tempo de suas construções, tendo em vista as suas peculiaridades estilísticas e características.

Também, dentro do núcleo urbano histórico inicial, ou dentro da Mancha Matriz reedificaram-se e construíram-se novos: a Sé, a Misericórdia, a Igreja do Colégio, o Convento de São Francisco e sua Ordem Terceira, a Igreja de São Pedro dos Clérigos, Ordem Terceira de S. Domingos, e Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos, cada qual em seu tempo e que a história revela.

É tempo de ceder a palavra a Sebastião da Rocha Pitta, bahiano de nascimento, e que ao escrever a História da América Portuguesa dedicou também sua atenção à cidade onde viveu.

"A cidade com prolongada forma se estende em uma grande planície elevada ao mar, que lhe fica ao poente, e ao nascente a campanha. Está eminente à dilatada povoação da marinha e aos repe-

tidos portos donde se lhe sobe com pequena fadiga por capacíssi-  
 mas ruas. Tem duas portas, uma ao sul, e ao norte outra, em cu-  
 jo espaço estão os famosos templos de Nossa Senhora da Ajuda, o  
 da Misericórdia, que tem a si unido o magnífico recolhimento de  
 mulheres, a majestosa igreja matriz, à qual está próximo o gran-  
 de palácio arquiiepiscopal, a igreja nova de S. Pedro da Irmanda-  
 de dos Clérigos, o templo, o colégio e aulas escolásticas e dou-  
 tas dos religiosos da Companhia de Jesus, e o suntuoso templo e  
 convento de S. Francisco".

"Em seis bairros se divide a cidade: o das Portas de S. Bento ,  
 o de Nossa Senhora da Ajuda, o da Praça, o do Terreiro, o de S.  
 Francisco e o das Portas do Carmo, além dos outros que ficam -  
 extra-muros, dos quais faremos menção. Duas praças lhe aumentam-  
 a formosura, a de Palácio, quadrada com cento e sessenta e dois  
 pés geométricos por face e vinte e seis mil duzentos e quarenta  
 de área. Na frente tem o majestoso paço onde residem os gene -  
 rais; na parte oposta a Casa da Moeda; ao lado direito as da Câ-  
 mara e da Cadeia; ao esquerdo a da Relação, e por seis formosas  
 ruas se comunica a todas as partes da cidade".

"A segunda praça, chamada Terreiro de Jesus, se prolonga com -  
 trezentos e cinquenta pés de comprimento e duzentos e vinte e  
 oito de largura, formando uma área de setenta e nove mil e oi -  
 tocentos. Tem no princípio a igreja do referido colégio dos pa-  
 dres da Companhia, de que tomou o nome, e por todas as partes -  
 vai acompanhada e enobrecida de suntuosos edifícios, de que lhe  
 resulta agradável perispectiva e contínua frequência; por sete-  
 ruas se franqueia a todos os bairros; continua-se a grandíssima  
 rua de S. Francisco, que lhe dá o nome e tem o seu convento na-  
 parte em que ela termina, sendo o fim do Terreiro de Jesus em



que principia. Em trezentos e dez pés de comprimento e sessenta e quatro de largura, com dezenove mil e oitocentos e quarenta - de área. É cercada por ambos os lados de casas nobres, iguais - em altura e fãbrica, entre as quais, de uma a outra parte, se - entrepõem algumas formosas ruas".

"A grandeza da cidade se lhe considera menos pelo âmbito que o seu circuito compreende, que pela distância em que além das - suas portas se dilata, porque destas partes se forma o todo da sua extensão e formosura. Saindo pelas portas que tem ao sul, - lhe fica o bairro de S; Bento, maior e mais aprazível que todos os outros; apelida-se do nome deste glorioso patriarca pelo sun - tuoso templo e convento que tem na entrada dele, fundados em um alto de pouca elevação e muita capacidade".

"Vai continuando o bairro a principal rua até a igreja de São - Pedro, sua paróquia, donde prossegue o dilatado trânsito ao for - moso hospício dos padres Capuchinhos de Nossa Senhora da Pieda - de, e dali, com o mesmo povoado cursò, até perto da fortaleza - de S. Pedro. Por uma e outra parte deste grande distrito há mui - tas ruas, sendo célebre a que chamam rua de Baixo, todas enobre - cidas de formosas casas com vista dilatadíssimas para o mar e para a terra, repetidos portos e saídas admiravelmente aprazí - veis, todas da jurisdição da freguesia de São Pedro, em a qual - tem também assento para a parte do mar o magnífico convento dos religiosos de Santa Tereza de Jesus, e para a de terra as novas igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e da Lapa".

"Das portas da cidade, que lhe ficam ao norte, se sai à nova pa - róquia de Nossa Senhora do Rosário, donde por largas e seguidas ruas, compostas de muitas casarias, se sobe ao Monte Carmeão, - de que se apelida este bairro, convento de Nossa Senhora do Car

mo e de Santo Elias, e se continua o seu mesmo largo trânsito - com a própria largura até a igreja paroquial de Santo Antônio, - vigararia de grande distrito, em que está a fortaleza desta invocação, continuando a sua numerosa povoação em casas e moradores até além do sítio chamado o Rosário, quartel dos soldados - que vêm nas naus de comboio. A jurisdição desta paróquia, por partes menos povoadas, se estende a muitos espaços do país, compreendendo a nova igreja da Soledade, o noviciado dos padres da Companhia, as ermidas a Boa Viagem de frades de S. Francisco, e de Monserrate de monges de S. Bento".

"Para a parte do oriente lhe ficam os dois grandes e vistuosos bairros da Palma e do Desterro, este enobrecido com igreja paroquial de largo distrito e com o mosteiro das religiosas de Santa Clara, aquele com o hospício de Nossa Senhora da Palma de frades de Santo Agostinho, e a capela de Nossa Senhora do Rosário de um dos terços do presídio, ambos ornados de boas casas e habitados de muitos moradores, fregueses do pároco do Desterro".

"Para o ocaso tem a marinha, que, apelidando-se bairro da Praia, se divide em duas paróquias, a de Nossa Senhora da Conceição e a do Pilar, ambas povoadas de inumeráveis moradores e ornadas de grandes edifícios, que guarnecem de um e outro lado a povoação, desde o lugar chamado Preguiça até o referido sítio, quartel dos soldados do reino; incluindo a primeira no seu distrito, as igrejas do Corpo Santo e Santa Bárbara, as suntuosas casas da Alfândega e da Ribeira, e as que foram da Junta. As dos particulares em ambas são magníficas e mui elevadas; - umas se fabricaram sobre o mar e outras encostadas aos penhascos da terra, abrindo-se neles por muitas partes, com grande artifícios e despesa, repetidos trânsitos, para subir com mais-

brevidade a todas as da cidade; nesta se contam seis mil fogos e vinte e oito mil vizinhos capazes dos Sacramentos, qualificada - nobreza e luzido povo". ( 4 )

O século de ouro se aproxima. Vislumbram-se as bases de um progresso ilusório que as riquezas ofereciam em outras plagas. A cidade não se alterou. Seguiu o seu destino com segurança das coisas eternas, mas suas ruas povoaram-se de gentes e fez-se efervescente e sobretudo inteira de contrastes, vacilou entre as Glo-rias de Gregório de Matos e os sermões de Vieira. Povoaram-se as ruas de padres da Companhia a reedificar a sua capela do Colégio que Simão de Vasconcelos sonhava realizar. Este sonho concretiza-se não permanece com os jesuítas que logo mais serão banidos e separados de seu rebanho. Estes contrastes entre pobreza e o refulgir do ouro, configuram-se nos esmoleres franciscanos e levam até plagas distantes a Fé em sólidos muros de estruturas con-ventuais e igrejas exuberantes. Frei Macario de São João e Frei-gostinho da Piedade entre os beneditinos ressurgindo em piedade e solidez.

Confundem-se no mesmo espaço físico, porém distanciados pelo tempo, as figuras que a memória reverencia por sua coparticipação no processo evolutivo desta cidade. D. Sebastião Monteiro da Vi-veira vai vivenciando os ares que D. João de Lencastre respirou, ca-ram um no seu tempo e no seu mister, ou vislumbra-se no palmilhar das ruas e ladeiras D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, o Conde de Sabugosa, antevendo nos lustros temporais das Academias dos - letas que virão depois.

no mesmo torvelinho confundem-se: José Antônio Caldas, com Cosme mião da Cunha Fide, ambos projetando e construindo para o futu-uro. O tempo não tem limites. enquanto os espaços registram o

calor das paixões, também configura-se a passagem de fantasmas - que se foram, mas que voltam reverenciados no calcário das paredes, ou no ouro dos retábulos, ou nas perspectivas dos tetos - das igrejas, ou ainda na imaginária realista.

Nos consistórios, nas salas capitulares, nos salões de audiências, nas varandas de jantar e nas praças públicas tomam-se decisões importantes, impulsionadoras do progresso.

A cidade deixa de ser a sede do governo, mas não perde sua posição semicentralizada, o núcleo primitivo, e o espaço ocupado - por sua expansão atual, ambos condicionados aos fatores geomorfológicos do promontório que lhes conforma a imagem de singular característica.

O núcleo primitivo ou histórico, como assenta melhor caracterizá-lo, abrange uma vasta área onde se encontram espaços de maior importância física, por terem sido palco, durante séculos, dos fatos mais transcendentes da vida da cidade, os que teceram a trama do seu destino, e que, de algum modo, refletiram-se também no destino da Nação. Salvador plantada a plasmar-se diante do Golfão da Baía de Todos os Santos, mereceu a sua designação - como auréola espiritual de todo o feérico Recôncavo do açúcar, pelos séculos em que foi Cidade Capital, e embora tenha perdido a primazia em 1763 para o Rio de Janeiro, não foi afetada a sua hegemonia como cabeça de todas as Capitanias, nem como porto comercial, e menos como berço de intelectualidade.

Cresceu e expandiu-se graças às influências canalizadas do ubérrimo Recôncavo dos canaviais e dos engenhos, engenhos que assegurariam mananciais da nobreza de vastas famílias a povoar a corte dos Imperadores. Nobreza que se uniria ao negro e ao índio para amalgamar-se em povo bravo e destemido, levantando vozes, bran-

dindo armas, em versos ou em sangue para vingar a honra ultrajada ou para alcançar a liberdade.

Esta Cidade que atinge prestígio e Glória, pela Fé e pelo Heroísmo, pelas idéias e palavras, alcança pela plástica monumental de sua riqueza edilícia, em lugar de destaque entre as cidades-brasileiras, e os viajantes estrangeiros de todas as épocas, os cronistas de todos os tempos tecem loas, não apenas às suas belezas naturais mas, sobretudo aos suntuosos templos, que ornaram a paisagem, inseridos no casario de suas praças, becos e ladeiras.

Os limites do sítio urbano assentado em duas colinas, permaneciam por alguns anos de forma inalterada, compondo-se por duas portas fortificadas: a de Santa Luzia, ao Sul e, a de Santa Catarina, ao Norte, e interligadas por muros formadores de cortinas e baluartes voltados para o nascente, enquanto o oeste possuía a defesa natural da encosta abrupta para o mar.

Marcando sua futura evolução, estabeleceram-se ao fim do século XVI, nas colinas fronteiras às portas: os Carmelitas que edificaram o seu belo convento, ao norte; e ao sul, os Beneditinos - ergueram o severo mosteiro com sua abadia. Esses dois marcos da Arquitetura religiosa preconizam a expansão espontânea que se processaria nos séculos seguintes de sua fundação.

Logo cedo toma curso mais acelerado a caminhada para o Norte, abrangente de toda uma cumeada oblonga e extensa, até Santo Antônio-Além-do-Carmo. Povoada mais rapidamente, soube guardar uma unidade edilícia só interrompida por amostragens de outras épocas, rarefeitas, no casario dos alinhamentos e que não lhe tira o sabor e a harmonia, mas ao contrário, oferece, com sua integração, uma lição digna a ser seguida e respeitada.

O caminho Norte, como se disse, pouca alteração sofreu em contraste com a linha ao sul, depois de São Bento, que se estendeu em busca da Vila Velha, e povoou-se mais lentamente, sofrendo - com o progresso mais recente as consequências do "urbanismo cirúrgico", com o alargamento de ruas, ceifando edificações con - dignas e desfigurando-lhe a trama original de um traçado expon - tâneo e singular.

Ao fim do século XVI a cidade já possuía uma estrutura defini - da.

Melhor será citar quem viu nesta época e viveu o seu cotidiano - entre os homens bons dos engenhos, e sendo um deles, entre os - edis da casa da Câmara, junto ao corpo governamental e os clé - rigos de sotaina negra ou buréis acinzentados, e a par com os - pretos e pretas, tratando com os oficiais mecânicos e marinhei - ros, ou observando a tropa dos terços tentando visualizar pela - trama dos muxarabis, as senhoras sempre recolhidas e pouco à - vista. Assim nos diz Gabriel Soares:

"Terá esta cidade ~~coitocentos~~ vizinhos, mais ou menos, e por fo - ra dela em todos os Recôncavos da Bahia, haverá mais de dois - mil vizinhos, d'entre os quais e os da cidade, se pode ajuntar, quando cumprir, quinhentos homens de cavalo e mais de dois mil de pé, afora a gente dos navios que estão sempre no porto".

"A Sé da Cidade do Salvador está situada com o resto sobre o mar da Bahia, defronte do ancoradouro das nauç, com um tablei - ro defronte da porta principal, bem a pique sobre o desenbarca - douro, d'onde tem grande vista"...

"Passando além da Sé pelo mesmo rumo do norte, corre outra rua mui larga, também ocupada com lojas de mercadores, a qual vai - dar consigo em um terreiro mui bem assentado e grande, aonde se

representam as festas a cavalo, por ser maior que a praça, o qual está cercado em quadro de nobres casas: E ocupa este terreiro a parte da rua da banda do mar um suntuoso colégio dos padres da Companhia de Jesus, com uma formosa e alegre igreja, onde se serve o culto divino com mui rico ornamentos, a qual os padres tem sempre mui limpa e cheirosa". "Tem este colégio grandes dormitórios e muito bem acabados, parte dos quais ficam sobre o mar - com grande vista; cuja obra é de obra e pedra e cal, com todas as arcadas, portas e janelas de pedrarias, com varandas, e cubículos mui bem forrados, e por baixo lageados com muita perfeição o qual colégio tem grandes cercas até o mar, com água muito boa-dentro, e ao longo do mar tem umas terracenas, onde recolhem o que lhe vem embarcado de fora. Tem este colégio ordinariamente oitenta religiosos, que se ocupam em pregar e confessar alguma parte deles, outros ensinam latim, artes, teologia e casos de consciência, com o que tem feito muito fruto na terra"...

"Passando avante do colégio, vai outra rua muito comprida pelo mesmo rumo do norte, muito larga e povoada de casas e moradores - além da qual no arrebalde da cidade, em um alto, está o mosteiro de capuchinhos de Santo Antônio, que há pouco tempo, se começou de esmolas do povo, que lhes comprou este assento, e outros devotos lhe deram outros chão junto d'ele, um que lhe os moradores fizeram uma igreja, com a qual e o mais recolhimento que está - feito, se podem acomodar até vinte religiosos e pelo tempo adiante lhe farão outro recolhimento como os padres quiseram os quais têm neste recolhimento sua cerca com águas dentro"...

"E tornando deste mosteiro para a praça pela banda da terra vai a cidade muito bem arrumada, com casas de moradores e com seus

quintais, os quais estão povoados de palmeiras carregadas de cocos e outras de tâmaras, e de laranjeiras e outras árvores de espinhos, figueiras, romeiras e parreiras, com o que fica muito fresca; a qual cidade por esta banda da terra está toda cercada com uma ribeira de água, que lhe serve de lavagem e de se regarem algumas portas, que ao longo dela estão"...

"Tornando à praça, pondo o rosto no sul, corre outra rua muito formosa de moradores, no cabo da qual está uma ermida de Santa Luzia, onde está uma estância de artilharia. "E ao longo desta rua lhe fica muito bem assentada, também toda povoada de lojas e mercadores, e no topo dela está uma formosa igreja de Nossa Senhora d'Ajuda com sua capela de abóbada; no qual sítio, no princípio desta cidade esteve a Sé". "Passando mais adiante com o rosto ao sul, no outro arrabalde da cidade, em um alto e campo largo, está situado um mosteiro de São Bento, com sua clausura, e largas oficinas e seus dormitórios, onde se agasalham vinte religiosos, que naquele mosteiro há, os quais têm sua cerca e porta com uma ribeira de água, que lhe nasce dentro, que é a que rodeia toda a cidade, como fica atrás dito".

"Tem esta cidade, grandes desembarcadouros com três fontes na prais ao pé dela em as quais os mareantes fazem sua aguada bem a borda do mar, das quais se serve também muita parte da cidade, por serem estas fontes de muito boa água". "No principal desembarcadouro está uma fraca ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi a primeira casa de oração e obra em que Tomé de Souza ocupou". "Na cidade do Salvador e seu termo há muitos moradores ricos de fazenda de raiz, peças de prata e ouro, jaezes de cavalos, e alfaias de casa, em tanto, que há muitos homens que têm dois e três mil cruzados em jóias de ouro e prata lavrada". ( 3 )



Ao findar o século XVI já estavam assentadas em definitivos as edificações mais importantes, que seriam com o tempo reedificadas, e seriam mais ricas e suntuosas, e as quadras marcariam o tecido urbano quase inalterado em suas linhas gerais.

Foi nesse aglomerado de espaços abertos e edificações variadas, singelas umas e imponentes outras, que a povoação se transformou em cidade: Viveu e vibrou no calor de suas gentes, no trabalho e no lazer que se busca reviver agora.

No tovelinho de seu porto onde chegavam as novidades de Além Mar em forma de cartas, notícias e mercadorias, a povoação foi se fazendo cidade por seu comércio florescente. Esse comércio dar-lhe-ia mais um grau na escala de importância.

Na azáfama das tropas nas fortificações ou nos exercícios rotineiros empolgando viajantes e os jovens, patenteando e garantindo a soberania e a tranquilidade dos povos, a cidade foi crescendo prestígio e foi respeitada e evitada por conquistadores.

No tropel e no entusiasmo das cavalhadas e touradas em suas praças estaria a complementação do lazer profano, presente em par com as festividades religiosas em procissões frequentes, e encher as ruas de andores, imagens, gentes, músicas, cantos e orações bailantes no ar. Neste ambiente místico a cidade cresceu em espiritualidade e alegria.

Assim a povoação se fez cidade: nas acirradas disputas dos homens e irmandades, nos eloquentes sermões sacros das missas solenes, ou nas glossas satíricas de seus poetas.

A cidade fez-se grande pela atuação de seus compatriotas por seu prestígio como centro administrativo, espiritual e econômico, tornando-se afamada e conhecida nos confins do Indico ou nas

mais distantes cidades européias.

#### NOTAS

- ( 1 ) PLANO Geral de Recuperação da Área do Pelourinho na Cidade do Salvador - Estado da Bahia - Brasil - Salvador. Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia, 1968, p. s.
- ( 2 ) REGIMENTO de Tomé de Souza, in: ACCIOLI, Inácio e AMARAU, Braz. Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia. Salvador, Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1919 , vol. I. p. 263.
- ( 3 ) SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. São Paulo, Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica - Brasileira, Editora Brasileira, 1938, 3a. edição, série 5a. vol. 117. pp. 134 a 142.
- ( 4 ) PITTA, Sebastião da Rocha. História da América Portuguesa. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Livraria-Itatiaia, 1976, pp. 46 a 48.

## SALVADOR - UMA IMAGEM A PRESERVAR

A preservação de testemunhos do passado é objeto, geralmente, de uma análise teórica de cunho histórico, arquitetônico ou social, que fundamenta a importância dessa preservação na influência sobre o desenvolvimento do sentido de nacionalidade, no valor intrínseco do espaço construído ou na evocação da memória coletiva, fator social que congrega elementos de um determinado grupo em torno de um passado comum, e os une nos mesmos ideais para o futuro.

Existem, no entanto, outras fundamentações menos analisadas, que se ligam diretamente ao espaço urbano e ao seu reflexo sobre a população que o habita ou dele usufrui. Essas fundamentações baseiam-se no pressuposto de que, além de valores ou conceitos, o patrimônio urbano é formado por elementos físicos, possuidores de um caráter visivo, uma permanência e uma perenidade suficientes para se integrarem à vista do homem urbano, mesmo que este não consiga apreender totalmente a carga cultural neles contida.

Esses elementos funcionam como referenciais, onde se encontra a personalidade que fixa a natureza do lugar, na memória do morador e do visitante. A sua disposição no espaço urbano permite ao observador relacioná-los, formando uma imagem mental que irá variar de acordo com os níveis sociais, culturais e psicológicos de cada indivíduo.

Poderíamos comparar a imagem mental a um programa, um sistema de dados, capaz de identificar determinado ambiente e de avaliar informações, recusando-as se inadequadas, ou transformando-as em novos dados que completem o sistema. Assim, modelo mental que permite ao ser humano compreender a cidade e orientar-se nela, seria

um sistema aberto, com capacidade para conter tanto as modificações ocorridas no espaço quanto no próprio observador. E, embora o modelo fosse em parte subjetivo, seria no entanto reconhecível durante a comunicação, comprovando assim ter sido criado sobre um conjunto de signos de domínio comum.

O primeiro passo para análise do espaço urbano do centro de Salvador é o reconhecimento dos elementos de ordenação formal que estruturam sua imagem.

Alguns destes elementos; por suas características, identificaram o sítio desde épocas anteriores ao estabelecimento populacional, foram determinantes na ocupação do solo e ainda hoje, após quatro séculos de intervenção urbana, são referenciais primordiais na organização da imagem e na leitura do espaço urbano. Outros elementos criados pelo homem, subordinaram-se aos primeiros e adquiriram em conjunto com eles um caráter de irreversibilidade que garantiu a sua permanência ao longo da própria evolução da área.

A topografia do sítio, por exemplo, é um fator marcante, que tem direcionado o traçado de vias e o processo de ocupação desde os primórdios, quando o assentamento urbano foi estabelecido numa colina sobre o mar.

A partir desse assentamento, a cidade começou a expandir-se sobre as principais linhas de cumeada, mantendo o núcleo inicial as funções de centro e obrigando as atividades administrativas, religiosas, culturais e econômicas.

Devido à conformação territorial, o núcleo é totalmente cercado por depressões, determinando que de qualquer ponto da cidade o acesso ao centro sempre seja precedido por uma ladeira.

A conjugação dos dois elementos: o acesso em progressiva elevação e a concentração de atividades, pode dentro de um sistema de sig

nificados, fazer com que o espaço seja compreendido como um centro de poder temporal, religioso, cultural e econômico. Essa interpretação é reforçada pela morfologia do sítio que obriga o caminhante a um movimento ascendente para atingir tais atividades. Teríamos - assim o centro de poder estabelecido na zona elevada, onde a ladeira seria a preparação para o clímax a ser atingido no próprio centro.

É possível que a mesma analogia simbólica entre altura e poder fosse, a nível arquitetônico, encontrada na casa colonial, onde morar no sobrado era sinônimo de riqueza, e de dependência o viver ao - rés-do-chão.

Dentro dos elementos de ordenação formal estabelecidos por Kevin Lynch, a partir dos quais se esquematizou a análise da imagem de Salvador, poderemos considerar a encosta e as linhas de água como margens. Tanto umas como outras desde a época da fundação da cidade, alinharam o sistema viário e limitaram a ocupação do espaço urbano, determinando o local de assentamento, direcionando a expansão e promovendo em grande parte o estabelecimento das diversas atividades.

Ambas são básicas até hoje na formação da imagem, não só no que - respeita à visão obtida a partir do mar, onde são característicos - e fortemente marcados no perfil os dois níveis da cidade, como pela relação que ela própria mantém com o oceano, relação essa que pode ser sentida ao longo dos percursos delineados por construções, mas ainda assim acompanhando o alinhamento do mar, abrindo-se para ele em espaços de grande impacto visual e propiciando um bucolismo renovador dentro das atribulações urbanas.

Essas vistas da baía, são importantes elementos organizadores da paisagem que, infelizmente, se vão perdendo pela construção de vo-

lumes inadequados. Aos poucos, estes vão impedindo o contato visual com o mar e comprometendo a dinâmica do contraste entre as cidades alta e baixa.

No entanto, dentro da área proposta para tombamento e em especial no trecho de Santo Antônio Além do Carmo, a encosta mantém-se sem grandes agressões, permitindo que se usufrua toda a beleza do perfil original. Da mesma forma, por se conservarem os espaços e a grande maioria dos edifícios antigos, as visuais da baía não foram muito alteradas, havendo assim condições de preservar a dualidade da imagem e restabelecer a ligação entre o espaço urbano e o mar. Os percursos são ordenadores formais que se compõem basicamente pelas linhas de trânsito, em relação às quais durante o deslocamento o espaço urbano é compreendido. Sendo o percurso uma linha de movimento dentro da cidade, torna-se um elemento de leitura e orientação, cuja clareza pode ser ampliada pela existência de uma hierarquia viária, e uma definição das origens e destinos, uma toponímia adequada ou um sistema de articulações bem estruturado. Durante o estudo da área, notamos que a conformação do sítio estabeleceu dois percursos paralelos, um na cidade baixa e outro na cidade alta, sobre o qual nos deteremos, Ao considerá-lo principal, estamos já estabelecendo uma hierarquia, baseada na posição, extensão e unicidade do percurso. Analisando, vemos por seu direcionamento que este foi implantado sobre as antigas ruas direitas, ( de Santo Antônio, do Colégio, dos Mercadores). A própria expressão rua direita, usada na época colonial para descrever a ligação mais direta entre dois pontos, tem um caráter decisivo de trajeto principal a ser percorrido. A divisão do percurso em trechos orientados, onde cada articulação se torna um ponto notável de origem-destino, facilita a individual

lização do sistema e possibilita a referencia de elementos em relação a ele. São comuns na história da cidade designações como rua - direita do Terreiro para as Portas do Carmo, ou rua que vai do Teatro para a Capela de N. Sa. da Ajuda, onde os logradouros são identificados pelos pontos de origem e destino.

A toponímia é geralmente um poderoso aliado na compreensão e interpretação de uma estrutura urbana. Na vida das cidades é fato comum a denominação de ruas em função de acidentes físicos, equipamentos urbanos ou acontecimentos relevantes.

Poucas são as pessoas que utilizam os nomes atuais da ladeira da Montanha, da rua da Ajuda ou da praça da Piedade, e o largo de São Pedro e a praça da Sé conservam os seus nomes, embora as duas últimas igrejas não existam mais.

As articulações existentes ao longo de um trajeto podem ser interseções com outras vias, ou simplesmente zonas de concentração de atividades mas, em qualquer dos casos, sempre são pontos onde as pessoas acuram a visão e percebem com maior clareza, os elementos vizinhos, onde a monotonia do percurso é quebrada e este se torna memorável.

Qualquer dessas articulações, pode ter suas características acentuadas pela presença de um referencial que atraia a atenção do observador e aumente a figurabilidade da articulação.

Referencial, é qualquer elemento que se destaque do conjunto no qual se situa e portanto atraia a atenção sobre si mesmo, tornando-se mais facilmente identificável e por extensão, identificando o espaço que o contém.

Na leitura do perfil da cidade, após o ritmo da topografia do sítio, as torres das igrejas e as fortificações sempre foram os elementos referenciais predominantes. Sua forma até hoje é perfeita -

mente reconhecível por contraste com o casario, sua altura e volumetria ultrapassam as das construções vizinhas e as torres das diversas freguesias situam, em relação à cidade, o viajante que olha do mar.

Além dos elementos pontuais e lineares já descritos, podemos considerar entre os ordenadores formais os bairros, áreas urbanas mais amplas, caracterizadas pela homogeneidade, seja esta tipológica, funcional, populacional, espacial ou até quanto ao clima que o próprio desenvolvimento das atividades produz.

O centro atual engloba antigos bairros, cujas características se mantiveram mais ou menos homogêneas. Em alguns casos o ambiente da época original se conservou, em outro, permaneceu apenas a aparência física, perdendo-se o elan que as atividades e o elemento humano produziam na área.

Em Santo Antônio Além do Carmo, mantiveram-se tanto as características físicas, como ambientais, de um bairro residencial da classe média. É necessária uma ação que solidifique essa permanência, por se tratar de um dos poucos trechos do centro histórico onde se conservaram não só as edificações como, até certo ponto, a população local, apesar de interferências pontuais de caráter turístico.

A mesma sorte não teve o Pelourinho, conjunto arquitetônico relevante, que sofreu profunda alteração no tipo de população residente e nas atividades desenvolvidas.

Um caso interessante é a zona portuária e comercial da cidade baixa, onde a descaracterização foi intensa, mas continua existindo o bulício e o movimento de uma zona comercial.

A importância de uma imagem coletiva da cidade fundamenta-se em conceitos profundos, que são estreitamente ligados ao sentido de comunidade de individualidade, de lugar e de memória.



As relações primárias que o indivíduo desenvolve dentro de sua estrutura familiar, com seus componentes, com o espaço que os abriga e com outros grupos vizinhos, vão ser determinantes nas suas relações espaciais e sociais em nível superior.

Assim como da segurança do agregado familiar, do domínio do espaço de brinquedos da infância, das experiências e memórias acumuladas ao longo dos anos, depende a perfeita integração do indivíduo na sociedade; também da história, do respeito pelo passado e por seus testemunhos, dependerá a conservação do sentido de nacionalidade, a coesão entre elementos de um mesmo povo, a manutenção do sentido de Pátria e a transmissão desses valores ao futuro.

## PROPOSIÇÕES

A proposta de tombamento do Centro Histórico não deve ser vista por limites rígidos, que venham configurar numa linha geométrica marcante e definida, mas deverá essa tomada de posição, presidir-se pelo bom senso em marcar espaços e estruturas considerados conceitualmente de proteção rigorosa, outros de relativa proteção de valores e ainda aqueles que se pretende protegidos apenas a ambientação.

A Mancha Matriz indica, nos seus perímetros, seguindo-se a linha da implantação provável das fortificações primitivas, a orientação a tomar. Visualizando-se a analogia tipológica dos edifícios contidos nesse nesse perímetro, direciona-se o interesse, no sentido de tanto quanto possível, resguardar a trama urbana primitiva.

Na Mancha Matriz onde se assentou a cidade, pode-se perceber, nos dias atuais, caracterizações variadas que identificam épocas distantes, sem invalidar a proposta de proteção, desde que sejam obedecidos os conceitos aqui expressos.

A cidade marca-se por uma linha mediana no bairro da Sé, coincidente com a grota que teve sua ocupação consolidada só no século XVIII a dividir em duas bem definidas porções. Uma ao Sul-Núcleo primitivo da cidade de Tomé de Souza, hoje modificado em suas edificações, conservando a trama dos logradouros antigos, que apesar de alargamentos e retificações, ainda contém alguns dos exemplares mais representativos da Arquitetura civil brasileira. A outra região, ao norte, com alterações parciais, (Praça da Sé), guarda em grande parte do seu tecido urbano, intacta, a trama inalterada de sua estrutura viária, como também preserva na tipologia das edificações as características das viárias fases da evolução por que

passou a cidade em tempos idos. Nesta situa-se o conjunto dominante do convento de S. Francisco e sua Ordem Terceira, bordados na encosta da elevação em que se insere também o pomar hoje tão reduzido por edificações inadequadas e que se deseja, corajosamente, refeito na sua função anterior. Esta área pode ser considerada de interesse para se alcançar a ambientação necessária, vez que é parte componente do conjunto primitivo.

A tipologia dos edifícios e a homogeneidade harmoniosa das massas inseridas na trama urbana que se prolonga para o norte, vencida a depressão de outra porção da cidade, indica uma área de interesse, contígua a Mancha Matriz e que se viu. A área em apreço alonga-se pelos meandros de ruas que buscam Santo Antônio Além do Carmo, onde situam-se igreja e fortificação, que constitui um marco balizador na paisagem, e por isso mesmo merecedora de atenção especial.

O interesse volta-se agora na direção Norte Sul, vencida a encosta alongada, envolvendo as edificações do sopé das colinas menos pela preocupação de comércio do que pela garantia à integridade das áreas verdes da encosta, na tentativa de desenvolver-lhe os atrativos e sobretudo promover sua proteção física.

Menos irregular essa linha vai margeando os primitivos limites da marinha, até atingir o extremo sul da mancha matriz, à qual se incorpora o conjunto do convento de Santa Tereza por sua posição privilegiada na meia encosta.

Contornada a edificação principal e as mostras mais representativas, volta-se a linha para a direção inicial, fechando o circuito de interesse.

A presente proposta deverá garantir também as visuais das ilhas subjacentes onde estão posicionados monumentos de interesse aos quais se vinculam edificações menores e cujo estudo tipológico re-

velará o seu grau de qualidade.

O que se deseja é consubstanciar a importância da medida corajosa a ser tomada, e situar a Cidade do Salvador como núcleo urbano pioneiro em medidas que visem sobretudo reutilizar e revigorar o seu centro.

O Centro Histórico de Salvador, conforme proposição de tombamento, abrange seis sub-áreas que são analisadas ressaltando-se nos seus variados aspectos, os grandes marcos urbanísticos e arquitetônicos, as contribuições mais modestas que integram o conjunto e a paisagem natural, que marca as perspectivas desta velha cidade ora com seus morros ou com a sua escharpa ou como verde da vegetação e como azul do mar.

## ÁREA - I - A MANCHA MATRIZ

"O tombamento desta área é o reconhecimento da necessidade de preservar o espaço trapezoidal da cidade de TOMÉ DE SOUZA e LUIZ DIAS, ou seja, do primeiro exemplo de uma concepção urbana planejada no Brasil, conforme podemos compreender na análise da planta da Cidade do Salvador, contida no "Livro que dá Rezação do Estado do Brasil" do princípio do século XVII, interpretada por Teodoro Sampaio. Preservar este sítio é atender ao Manifesto de Amsterdam em uma de suas Recomendações, "o que hoje necessita de proteção, são cidades históricas, os bairros antigos e aldeias tradicionais, abrangendo ainda os parques e jardins históricos. A proteção destes conjuntos arquiteteturais não pode ser concebida senão dentro de uma perspectiva global, tendo em conta todos os edifícios com valor cultural, dos mais importantes aos mais modestos sem esquecer os da época moderna, assim como o cenário em que se integram. Esta proteção global completará a projeção exata dos monumentos e locais isolados".

A área é limitada ao Norte pela Rua 3 de Maio, abrangendo a Praça da Sé, tendo a este e a oeste as linhas de construções das encostas e complementando o perímetro ao sul a Praça Castro Alves.

O espaço físico em questão, apesar de intervenções, traz uma das mais importantes mensagens do passado "por intermédio de monumentos e conjuntos urbanos ainda existentes, os quais até hoje são encarados como uma lição de harmonia e proporção de valor permanente e insubstituível." (Américo Simas Filho, Problemática e Critérios para delimitação das Áreas de Proteção Histórica, palestra promovida no I Seminário sobre o Centro da Cidade do Salvador, promovido pelo Governo do Estado da Bahia e a Prefeitura Municipal do Salvador em 28/01/77).

Neste espaço físico destacamos:

1. A permanência do traçado da primeira cidade Capital do Brasil, compreendendo três ruas paralelas à encosta, duas inclinadas em direção à porta Sul e seis transversais. Neste estão as praças administrativa e a Castro Alves, antigo Largo do Teatro, local de acesso Sul, onde dentro da tradição de formação urbana, sempre era concebido um vazio.
2. A existência do local onde foi concebida a primeira praça pública do Brasil, aberta para o mar e que era descrita por Gabriel Soares no século XVI como polo de irradiação de funções. "Está no meio desta cidade uma honesta praça, em que se correm touros quando convem, em a qual estão da banda sul umas nobres casas, em que se agasalham os governadores, e da banda norte tem as casas do negócio da Fazenda, alfandega e armazens; e da parte de leste tem a Casa da Camara, Cadêa e outras casas de moradores, com que fica esta praça em quadro e o pelourinho no meio della, a qual a banda do poente esta desabafada, com grande vista sobre o mar ao longo do qual é tudo rochedo muito áspero e desta mesma banda da praça, dos cantos della, descem dois caminhos em voltas para a praia, um da banda do norte que é serventia da fonte que se diz do Pereira e do desembarcadoro da gente dos navios; o caminho que está da parte do sul é serventia para Nossa Senhora da Conceição, a onde está o desembarcadouro geral das mercadorias, ao qual desembarcadouro vai ter outro caminho de carro, por onde se estas mercadorias e outras cousas que aqui se desembarcam levam em carros para a cidade. E tornando a praça, correndo della para o norte vai uma formosa rua de mercadores até a Sé, no cabo da qual, da banda do mar está situada a casa da Misericordia e hospital cuja igreja não é gran-

de, mas mui acabada e ornamentada" (1).

As palavras acima são, segundo Paulo Santos, "um capítulo de urbanismo colonial: quanto a localização, uso, forma, edificações, caminhos, ligações com as fontes de água, o desembarcadouro dos passageiros dos navios e das mercadorias, a Casa da Misericórdia e o Hospital". (2)

Ressaltamos que apesar da existência de intervenções e edificações recentes neste espaço muito mais forte é a carga de conteúdo, de histórias e decisões políticas que ele transmite, como local onde 214 anos foram planejados os caminhos da vida nacional.

3. A inserção neste perímetro de edificações de reconhecido mérito arquitetônico e já relacionadas entre os bens tombados tais como:

- O Conjunto da Santa Casa da Misericórdia;
- O Palácio Arquiepiscopal;
- O Paço da Saldanha;
- A Casa dos Sete Candeeiros;
- A Casa do Mirante à Rua 28 de setembro.

A manutenção de conjuntos urbanos do maior valor pela sua cronologia e características tipológicas a saber: Rua Saldanha da Gama, traçado do século XVI, possui no entanto edificações de variadas épocas. Sobrados mais antigos, de pouca altura, frontarias simples e vergas retas (nº 23) em armônica convivência com edificações do século XVIII de uso comercial e residencial (nºs 03, 18); transmitindo nas suas janelas rasgadas, púlpitos, gradis em ferro e emolduramentos resalta-

dos, a linguagem arquitetônica da época. Neste logradouro, destin<sup>u</sup>gue-se ainda, a chegada do século XIX, quando o casario cresce em alturas, as envasaduras se multiplicam e utilizam formas, que variam do arco pleno nas portas e janelas, aos trevos e eclipses nos óculos.

Solução características dessa fase é o acrescentamento de novos e pisos relevados em algumas edificações pela marcação da cornija em soluções às vezes de notável originalidade como o mirante da casa à esquina da Rua Saldanha da Gama com 28 de setembro. Rua São Francisco, cuja topografia acidentada, característica do urbanismo espontâneo das cidades coloniais, possui harmônica composição de casas térreas e sobrados, que emolduram notável cenário, propiciado pelas torres piramidais de S. Francisco.

Dignos de menção são também os conjuntos das ruas Guedes de Brito Três de Maio, da Oração e 28 de Setembro, onde a imagem urbana continua a transmitir as características da vida do passado, que através dos percursos, quer da representatividade das amplas fachadas regularmente marcadas por portas e janelas.

5. A incorporação no ambiente urbano de edifícios do século XX, como os da Rua Chile n<sup>os</sup> 2, 4 e 7, o Hotel Pálace o Edifício Braulio Xavier, o edifício A TARDE, o prédio a onde funcionou a Secretaria de Agricultura, são uma demonstração que a importância desta área perdurou, mesmo depois de Salvador ter perdido sua função de capital do Brasil e que hoje já são merecedores de preocupação especial.

A Capela da Ajuda, reconstruída em 1917, é uma constatação de que um edifício mesmo com feição física nova pode estar incorporado à memória da vida coletiva a ponto de não perder o referencial sagrado, digno de respeito, admiração e zelo de primeira-



Sê ou da antiga Sê da Palha.

ÁREA - 2 - DO TERREIRO A S. ANTÔNIO ALÉM DO CARMO

Esta área é a área mais densa de monumentos e onde a vida urbana - determinou que a civilização material construída, dos séculos XVI - e princípio do XX, tivesse permanecido dentro de padrões tradicio- nais, sem maiores intervenções a nível urbanístico e arquitetônico no período contemporâneo.

Seus limites ao norte são a Rua Custódio de Melo e a Praça Barão - do Triunfo, alcançando os lotes do Forte de Santo Antônio. Ao sul fica o acervo arquitetônico da rua Monte Alverne. A este o perímetro é delimitado pelos lotes da Praça Barão do Triunfo, Rua Joaquim Távora, Praça dos Quinze Mistérios, Rua João de Brito, Rua Eduardo Carijê, Rua Padre Agostinho Gomes, Praça José de Alencar, Rua Angelo Ferraz, Rua Frei Vicente, Rua Francisco Moniz Barreto, Rua 12 de Outubro e lote do Convento dos Franciscanos. O oeste es- ta limitado pelos lotes do forte de Santo Antônio, Rua Joaquim Tá- vora, Rua do Carmo, Rua Ribeira dos Santos, Trecho da Rua Silva - Jardim, Praça José de Alencar, Rua Alfredo de Brito, Praça 15 de - Novembro e primeiro quarteirão da rua Monte Alverne.

Justificar a importância deste trecho é certamente desnecessário, uma vez que o seu valor tem reconhecimento nacional, mediante le- gislação específica, sensibilizando todos os especialistas mundi- ais que o têm visitado.

Seu traçado urbano apresenta duas formas características:

1. O relativamente regular, em quadros que alcançam a porta norte- da Cidade e o espontâneo, que dirigindo-se ao Carmo, segue a li- nha de cumeada em sucessivos espaços, os mais representativos - de nossa herança cultural, até atingir o largo de Santo Antônio.
- Para quê descrever o Terreiro de Jesus que foi no passado e con -

tinuou a ser por todo o século XIX, a praça mais formosa é importante da Bahia?" (3)

Seguem-se outros espaços não menos memoráveis, o cruzeiro de São Francisco, ladeado por habitação setecentista,, ressaltando o monumental frontispício da igreja dos frades de ordem fundada pelo Santo de Assis; o Largo de São Miguel, cuja singela e recolhida capela se insere no modesto casario; o Largo do Pelourinho, com sua capela do Rosário, cujas torres bulbosas se destacam nas diversas perspectivas da paisagem; a Rua do Passo com sua inigualável escadaria que proporciona uma visão incomparável; o Largo do Carmo, abrigado pelo monumental conjunto do Convento e Convento e Ordem Terceira; mais além numa rótula formada pelo encontro de três vias, o oratório da Cruz do Pascoal, cujas proporções, a singeleza e o brilho colorido de seus azulejos, são realçados pelo casario que o envolve: a Ladeira do Boqueirão, enaltecida pelo frontispício da Capela Terceira dos Pardos e pela original arquitetura civil de oitões e azulejos; a Rua Direita, ladeada por belíssimos sobrados, desenvolve-se ramificada em minúsculos logradouros e desemboca em amplo largo, onde se casam exemplares da arquitetura militar (Baluarte de Santo Antônio), religiosa (a Igreja Matriz), civil (o casario de tipologia característica do século XIX), e onde por entre o verde da encosta as grades e os pilares, que marcaram muitos dos espaços urbanos e jardins da nossa arquitetura a partir de 1850, se divisa ao longe do mar. A planta referente a esta área é uma demonstração da incidência de edifícios incluídos na relação de bens tombados, entre os quais destacamos o Solar Ferrão, a Casa das Sete Mortes, o Centro Automobilístico a casa do antigo seminário São Dâmaso, as casas à Rua Inácio Accioli nºs 4 e 6 e a casa natal de Gregório de Matos.

### ÁREA - 3 - PERDÕES E ADOBES

Os limites do espaço são: ao norte a rua S. José de Baixo (Militão Lisboa) ; ao sul a área já incluída no Livro do Tombo da Ladeira do Boqueirão (Rua Custódio Melo), a este os lotes da Rua dos Perdões e da Rua dos Adobes (Cassiano Lopes) e a oeste a área tombada da Rua Direita de Santo Antônio (Joaquim Távora).

Este trecho urbano está diretamente vinculado em função e desenho com a área de Santo Antônio Além do Carmo, inserindo-se nos parâmetros de assentamento espontâneo típico, onde a via sinuosa de meia encosta, Rua dos Adobes e Perdões, aproximadamente paralela à Rua Direita de Santo Antônio, se destaca como caminho principal, ao qual se ligam outros (Rua dos Currais Velhos), entrecortado de minúscula e estreita malha de logradouros, cuja topografia exprime o uso deste local morada certamente de ofícios ligados a serviços diversos.

É característica nesta zona a exiguidade nas dimensões dos lotes, onde, embora a predominância seja de cinco, quatro e três metros, chegam em alguns casos à exígua largura de um metro e quarenta centímetros, resultando num sigelo e original sobrado de porta no andar térreo e janela no pavimento superior.

Com relação a este conjunto urbano destacam-se os seguintes espaços:

1. O Largo do Quitandinha do Capim, situado no encontro de três vias, as dos Currais Velhos (hoje Siqueira Campos), dos Perdões e dos Adobes. O amplo espaço de feição triangular está ladeado por imóveis de maiores proporções; o sobrado, onde se conjugam as funções comercial e residencial e a casa de porão alto, partido de grande incidência como substituto do padrão-assobradado, nas casas de porte médio, edificadas ou recons-

truídas em trechos onde as soluções mais inovadoras não se estabeleceram.

2. O Largo dos Perdões, é na verdade, apenas um pequeno alargamento da via, onde o ponto principal de destaque é o edifício do recolhimento que lhe dá o nome. Este edifício é uma construção do século XVIII, de notável mérito arquitetônico, cuja igreja possui frontispício em modulação tripla, frontão triangular e fenestrações retilíneas de grande simplicidade, ressaltado por portada típica do setecentos ornada por cornijagem volutas. No primeiro corpo, anexo à igreja, sobre a cornija, está o campanário de composição parietal, com aberturas sineiras em arcos gêmeos encimados por cornija e frontão curvo. É notável neste logradouro, a surpreendente perspectiva que propicia a ladeira dos Perdões, onde a visão em planos sucessivos da torre nave e capela mor de Santo Antônio, se harmoniza com o casario colorido e singelo, salpicado por entre o verde da encosta.
3. A Rua dos Perdões tem uso tipicamente residencial, abrigado em tipologias diversificadas de acordo com a largura do lote, topografia, época e gosto. Nestas edificações há o predomínio de casas térreas de partido assimétrico e envasaduras triplas tanto em arco abatido ou pelno, como em vergas retas. Alguns exemplares, apesar de terem sofrido intervenções recentes guardam predominância das formas que lhes deram origem. Entre as tipologias identificadas nesta área, algumas são relevantes como é o caso do sobrado nº 73, que ostenta no oitavo a data de 1896. Chamamos a atenção também para a incidência de soluções de casa em porão alto e fachada mais ampla, com porta central e partido simétrico. (nos. 19, 65, 67, 69 e 71).

4. A Ladeira dos Perdões é uma via de forma irregular que liga o Largo de Santo Antônio à Rua dos Perdões, recebendo em seu ponto médio, o término da rua dos Carvões.

Salientamos o uso hierárquico, frequente em nossa arquitetura, de edifícios de maior porte nas esquinas, de casas térreas no preenchimento dos interstícios e da marcação monumental dos edifícios religiosos, como o Convento dos Perdões e a Igreja de Santo Antônio Além do Carmo.

5. A Rua dos Adobes transmite, mediante o seu nome, a técnica construtiva com que foram executadas suas edificações de tijolo cru, seco ao sol.

A sua função circular tronco resultou na existência de trechos com utilização mista comércio-residência e outros puramente habitacionais.

Quanto as tipologias distinguimos os seguintes exemplares:

1. Casas térreas e sobrados de porta e janela, cuja planta apresenta espaços contínuos sem delimitação de áreas específicas de circulação horizontal.
2. Casas térreas de porta e janela com presença de corredor lateral.
3. Casas térreas de uso comercial.
4. Casas de porão alto com corredor lateral e sótão (nº12).
5. Sobrados de uso misto (nº59).
6. Sobrados de uso residencial.

Ressaltamos ainda a existência de diversas casas revestidas de azulejo, tão ao gosto do século XIX (nºs 12 e 33).

6. A Rua dos Ossos (Pedro Americano), Carvões (Caio Moura) e o "Bequinho" (Travessa José Bahia).

Estes minúsculos logradouros, com larguras que variam de 2 a 3 metros, repletos de casas de porta e uma ou duas janelas

pontuados por alguns sobrados, são importantes exemplares de conjuntos mais modestos a serem preservados. É interessante o contraste de escala entre a Praça Barão do Triunfo, (Largo de Santo Antônio), inclusive os magníficos exemplares que fazem esquina com a rua dos Carvões, (Desenhos anexos) e a sequência do minúsculo frontisício que os segue. Este contraste de escala constitui uma constante em nosso urbanismo colonial ainda não convenientemente estudado e valorizado, traduzindo a feliz combinação de espaços monumentais com outros mais modestos mas de igual dignidade e valor estético.

#### ÁREA - 4 - CORPO SANTO E PILAR

A área compõe-se por uma estreita faixa de terreno, em acentuado declive, correspondendo à encosta da falha geológica de Salvador e ao primeiro percurso linear que margeia a base dessa falha.

Seus limites são: a norte, a ladeira de Água Brusca atual Botelho Benjamim; ao sul, a igreja de N. S. da Conceição da Praia; a oeste, junto à encosta, a linha formada pelos traçados da av. Frederico Pontes, rua do Pilar, rua Campos Sales, rua Conselheiro Lafayette, rua Guindaste dos Padres, rua Lopes Cardoso e rua Marcílio Dias, até encontrar de novo a igreja da Conceição da Praia; e finalmente a leste, na parte alta da montanha, o limite corre pela divisa com as áreas tombadas do sub-distrito da Sé e proposta da Mancha Matriz.

A consolidação do assentamento urbano numa zona alta, aproximadamente situada no ponto médio da curva da baía e onde a estreita faixa de terras planas ao nível do mar formava um porto de fácil defesa, teve razões de cunho econômico e militar.

Esse porto foi a porta da cidade e por extensão a do Brasil. O elemento através do qual se exportavam as riquezas e se recebiam do exterior os produtos manufaturados e a mão de obra.

Com a implantação da cidade e o incremento da função comercial, a facilidade de comunicação tornou-se indispensável e a montanha viu-se cortada a espaços regulares por elevadores e ladeiras. Braçou-se a vida da cidade exigindo maior rapidez e conforto, no acesso ao centro de negócios, na distribuição das mercadorias e na recolha das águas para abastecimento.

Sobre as águas da montanha, diz Vilhena serem "as terras em extremo rôtas, motivo porque as surgentes das águas, todas saem junto à



superfície nas baixas à falta dos montes" ( ) criando nascentes utilizadas pela população e pelos marinheiros. Das três fontes - "na praia, ao pé d'ella, em as quaes os mareantes fazem sua aguada bem à borda do mar, das quaes se serve também muita parte da cidade" (5), a que se refere Gabriel Soares em 1587, duas estão - compreendidas no limite estabelecido. São a dos Padres na subida do Taboão, edificada em terrenos doados aos jesuítas e a do Pereira na baixa da Misericórdia. Além destas encontra-se também na área, a do Baluarte, na ladeira de Água Brusca, ao fundo da fortleza de Santo Antônio Além do Carmo.

Junto aos conventos, os padres das diversas ordens tinham seus guindastes. Atualmente, no local deles estão os elevadores e planos que vencem o declive e transportam a população entre os dois níveis da cidade, ajudados nesta tarefa pelas ladeiras, que ao longo dos anos foram consolidando os trajetos mais utilizados. Assim, onde inicialmente era o guindaste dos padres jesuítas, implantou-se no século XIX o plano inclinado Gonçalves e sobre o dos Carmelitas, encontra-se agora o plano do Pilar.

Em outros pontos da encosta ficam dois elevadores, o do Taboão e em interessante estrutura metálica e o Lacerda, que inaugurado e em 1872 e modernizado no século XX, se integra desde então à paisa gem, tornando-se um marco referencial da cidade. Estes, em conjunto com as ladeiras da Montanha, Taboão, Caminho Novo do Taboão Capistrano de Abreu e Água Brusca, completam o sistema de acessos verticais.

Os elementos citados criam na área um sistema urbano linear unido à cidade alta por ladeiras e mecanismos elevadores e articulados com o sistema viário da cidade baixa, (surgido posteriormente por aterros), através de três espaços abertos, a Praça Cairú, o Largo

do Pilar e o Largo da Água de Meninos.

Esse modelo de assentamento litorâneo em acrópole, com a existência de um porto na área baixa e de uma rua da Praia que contorna a marinha, é um elemento de organização espacial típico do urbanismo português e favoravelmente adaptado às condições topográficas de Salvador.

São elementos de destaque no traçado urbano, a Capela de São Pedro Gonçalves do Corpo Santo, do início do século XVIII, o belíssimo conjunto da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar e cemitério neoclássico anexo e a Capela de Ordem Terceira da SSma. Trindade, localizada num terraplano na encosta da montanha, ao qual se tem acesso através de ampla escadaria.

Os conjuntos construídos dignos de referência, compõem-se predominantemente por sobrados de 4 a 5 andares, que as posturas da Câmara tornaram de feição homogênea e onde se destacam a beleza de platibandas e emolduramentos e o trabalho a regularidade dos balcões.

Os de ferro, em especial criam visualmente a sensação de faixas de renda preta, delicadamente estendidas sobre o discreto e contínuo pano das fachadas.

Na encosta, ao longo das ladeiras, os sobrados adaptam-se à topografia, mostrando-se modestos junto à rua e desdobrando-se posteriormente em andares que descortinam o mar.

Dentre eles ressaltamos os da rua Silva Jardim, imensos sobrados de "prospecto em redentes", cuja casa nº 56 é um exemplar de tipologia ímpar, pelo desenvolvimento das escadarias externas que interligam os seus 4 andares.

Preservar a encosta é assim, não só preservar o espaço de transição entre os dois níveis da cidade e a imagem mais marcante de

Salvador, mas também conservar perfeitamente reconhecível o modelo urbano escolhido na implantação da primeira cidade e a tipologia característica da encosta, que se aninha no declive, se limita na escarpa e se mistura harmoniosamente ao verde da vegetação.

Preservar a encosta é preservar uma imagem ambiental, um desenho urbano e um testemunho histórico.

## ÁREA- 5 - SODRÉ E CONCEIÇÃO

A área compreende trecho dos subdistritos da Conceição da Praia e S. Pedro, cujos limites envolvem grande parte do acervo arquitetônico já tombado pela SPHAN. Ao norte situa-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, como referencial mais importante - deste limite; a Leste a marcação segue pela rua Barão Homem de Melo (Ladeira da Montanha), rua D. Macedo Costa (Ladeira da Conceição) e trecho da rua do Sodré; ao Sul, uma linha que tem como referencial a casa nº 43 da rua do Sodré e a casa de nº 25 da rua - Carneiro de Campos até encontrar a rua visconde de Mauá; o limite oeste começa em trecho da rua Visconde de Mauá, rua Dionísio Martins (Ladeira da Preguiça), rua Manoel Vitorino, rua da Conceição e Praça Marcílio Dias até o limite Norte, fechando o perímetro. O traçado urbano desta área torna-se característico por se encontrar na meia encosta, daí a existência de ladeiras que se conjugam, fazendo a ligação entre as cidades baixa e alta, sendo a mais antiga delas a Ladeira da Conceição, da qual parte a muralha de sustentação da montanha. Essa muralha, formada de grandes abóbadas, deixa espaços utilizados com tendas de trabalho, cujas fachadas coloridas evidenciam um padrão característico da segunda metade do século XIX, com frontispício que apresenta envasaduras triplas, tendo no pavimento superior janela rasgada central com balcão gradeado, ladeada por janelas de peitoril. A Ladeira da Preguiça, (rua Dionísio Martins) interliga-se com as ruas do Sodré e Visconde de Mauá, que vão abraçando edificações civis de várias épocas, entre as quais se eleva o Convento de Santa Tereza, em meio a frondoso pomar com vista aberta para o Recôncavo. A ocupação espacial dessa área é característica do urbanismo por-

tuguês, de cidade em acrópole e que, no seu desenvolvimento na -  
 falda de morros, forma ligações naturais ao longo das quais se er-  
 guem geralmente edificações assobradadas, cujas características -  
 variam conforme os programas, a localização e o gosto do tempo.  
 Prevaecem os sobrados destinados a residência, existindo também -  
 na parte baixa, na vizinhança da Igreja de Nossa Senhora da Con -  
 ceição da Praia, outros de uso residencial e comercial, que na -  
 maioria possuem balcões de guarda corpo gradeado. É notável a pre -  
 dominância das vergas curvas, especialmente em arco pleno, tanto -  
 nas portas e janelas do andar térreo, como nas dos andares superi -  
 ores.

Vale referir a Travessa Aquino Gaspar, situada lateralmente ao -  
 Convento de Santa Tereza, formando um conjunto homogêneo e singu -  
 lar, compostos por casas térreas, todas com verga curva e limita -  
 da por dois únicos sobrados, um ao fim da travessa e o outro fa -  
 zendo divisa com a rua do Sodré.

Bairais amoldurados sobressaem também nas ruas desse trecho urba -  
 no, contudo, não raro, surgem platibandas ornamentadas de jarros -  
 e figuras geométricas, bem ao gosto do neoclássico e algumas ca -  
 sas de azulejos enriquecem esse conjunto arquitetônico.

Incidem também com frequência em toda a área, janelas de caixi -  
 lhos de vidros em padrões diversificados.

Dignas de referência são as duas edificações religiosas de grande  
 importância, existentes na área. A Igreja de Nossa Senhora da Con -  
 ceição da Praia, cujo princípio situa-se na época da construção -  
 da Cidade do Salvador, em 1549, sendo o seu fundador o próprio To -  
 mē de Souza. A primeira edificação cedeu lugar, no século XVIII, -  
 à suntuosa igreja de pedra lioz, dando-lhe importância e vizinhan -  
 ça do porto, onde se localizava a primeira zona comercial.

O complexo formado pelo Convento e Igreja de Santa Tereza situa -

se num "plateau" à meia encosta do morro, um dos pontos mais a -  
prazíveis da cidade, onde a vegetação envolve o monumento, res -  
saltando-lhe as linhas e a erudição do prospecto. É um conjunto -  
bem conservado, que abriga o Museu de Arte Sacra da Universidade  
Federal da Bahia.

## ÁREA- 6 - BARROQUINHA E S. BENTO

Os limites da área da Barroquinha e São Bento são:

Ao norte a rua Juliano Moreira (antigo Beco da Água do Basto) e a Avenida Baltazar; ao sul a Igreja e Mosteiro de São Bento; a nordeste o Terminal de Ônibus da Barroquinha e Trecho da Rua J.J. Seabra - Baixa dos Sapateiros; a sudeste a Avenida Sete de Setembro (limite com a Igreja do Mosteiro de São Bento), Largo de São Bento e Rua Visconde de Ouro Preto e Aristides Milton.

O agrupamento - Barroquinha/São Bento integra a área de expansão do núcleo inicial, desenvolvida fora dos muros da cidade, extra-portas de Santa Luzia.

O seu traçado urbano é tipicamente de assentamento espontâneo, resultante da fixação no local, em 1582, da Ordem Beneditina e também do tráfego constante, mantido com os primitivos povoamentos de Caramuru e do Pereira, cuja ligação margeava o referido Mosteiro.

O trecho da Barroquinha data do século XVIII, quando foram ocupados terrenos mais baixos e menos propícios na época, à implantação de habitações.

Nesta área encontram-se significativos monumentos da arquitetura religiosa e civil e também conjuntos urbanos expressivos, tais como:

### 1. De Arquitetura Religiosa

- 1 - Igreja e Mosteiro de São Bento.

A igreja e o mosteiro foram construídos fora dos muros primitivos, à montante, numa elevação fronteira às portas de Santa Luzia.

Datando dos séculos XVII a XIX, tem o seu projeto iniciado por Frei Macário do São João, desenvolvido com grande área li-

vre para o lazer e reflexão dos monges, pontuada de árvores de grande porte.

Declarada "Área non Aedificandi" pelo Decreto Municipal nº 4.524, de 01.11.73, impressiona pela sua volumetria, ocupando destacada posição no frontispício da Cidade do Salvador.

2- Capela da Confraria de Nossa Senhora da Barroquinha.

Localizada em uma depressão topográfica, ou barroca (daí o nome), a capela data do século XVIII (1722), sendo construção de valor arquitetônico onde sobressaem os azulejos, existentes nas suas piramidais torres sineiras.

## 2. De Arquitetura Civil

1 - Casa Berquô

Imponente construção datando de final do século XVII (1691) este magnífico exemplar de Casa Nobre tem o seu partido desenvolvido ao redor de um pátio interno, constituindo-se de sub-solo, um pavimento de sótão.

Localizada na área central da cidade, ao sopé de uma das ladeiras que demandam à antiga Rua da Vala (Baixa dos Sapateiros), sofre, presentemente, obras de restauração e consolidação para abrigar a sede da 5a. DR da SPHAN.

## 3. De Conjuntos Arquitetônicos

Destacam-se na área os seguintes logradouros:

Rua Aristides Milton

Rua Visconde de Itaparica

Rua do Curriachito (atual 24 de maio)

Avenida Baltazar

Rua Visconde de Ouro Preto



Ladeiras das Hortas

Largo de São Bento

Trecho do Terminal da Barroquinha

Rua Juliano Moreira (antigo Beco da Água do Gasto)

A maioria dos prédios que compõem os conjuntos arquitetônicos-distribuídos ao longo de tais logradouros data do século XIX. São edificações bastante homogêneas e apresentam ainda razoável estado de conservação, mantendo íntegra a ambiência da área. Nisto reside a força destes conjuntos que preservam a volumetria primitiva, sem alterações consideráveis, pela manutenção dos gabaritos-predominantes no local.

Assim, é fundamental preservar-se a atual escala arquitetônica, disciplinando-se as intervenções pretendidas pelas razões que se seguem:

- a) a tipologia da área revela boa densidade de imóveis antigos (século XIX), com predominância de solares que conservam suas características originais, havendo pequeno número de ruínas e terrenos baldios;
- b) a densidade maior, com relação ao número de pavimentos, varia de 1 a 3, o que justifica a preservação de gabarito reduzido para a área.

Conclui-se que a inclusão da área da Barroquinha e São Bento na proposta de tombamento ora formulada é imprescindível e justifica-se pela necessidade de manter o "cenário atual" deste trecho urbano, como moldura natural dos magníficos exemplares arquitetônicos ali existentes e, num contexto mais amplo, marcar contrapondo ao Bem Cultural maior que é a própria Cidade do Salvador.

## NOTAS

- ( 1 ) SOUZA, Gabriel Soares de, Tratado Descritivo do Brasil - em 1587, São Paulo, Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Editora Brasiliana, 1938, 3a. edição, série 5a., vol. 117, p. 134 e 135.
- ( 2 ) SANTOS, Paulo I. Formação de Cidades no Brasil Colonial. Trabalho apresentado no V Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1963, p. 67.
- ( 3 ) REBOUÇAS, Diógenes e FIGUEIREDO FILHO, Godofredo. Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX. Salvador, Construtora Noberto Odebrecht S.S., 1979, p. 107.
- ( 4 ) VILHENA, Luiz dos Santos. A Bahia no século XVIII, Salvador. Editora Itapuã, 1969, Livro I, Volume I, p. 102.
- ( 5 ) IDEM, nota 1, p. 140.

## CONCLUSÕES

A área ora demarcada, entende-se, procura satisfazer à justa reivindicação de se preservar o sítio que viveu os momentos mais relevantes da formação pátria e registrou desde a sua fundação em 1549, as mais belas páginas da História do Brasil, e onde pulsa ainda o coração da Cidade Mater da nacionalidade brasileira, transbordante da mais forte onda de brasilidade, historicidade, religiosidade e tradicionalidade. Acresce ser este sítio, centro-histórico da urbis quadricentenária, o cenário natural de integração comunitária, através das manifestações coletivas, seja de caráter político seja da mais legítima tradição popular.

Preservando-se o CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE SALVADOR atende-se às Recomendações de Nairobi que considera "conjunto histórico ou tradicional o grupo de construções e espaços, inclusive os sítios arqueológicos, que constituem assentamentos humanos, urbanos ou rurais, cuja coesão e valor são reconhecidos do ponto de vista arqueológico, histórico, arquitetônico, estético ou sócio-cultural. Entre tais distinguem-se as cidades históricas, os antigos bairros urbanos, as vilas e aldeias, os casarios, assim como os conjuntos monumentais homogêneos, entendendo-se que os últimos devem ser conservados cuidadosamente em sua feição original".

A aprovação da presente PROPOSTA significa a garantia de transmissão às gerações pósteras a imagem edificada ao longo dos 434 anos de vida da Primeira Capital, onde persistem:

- os limites da primitiva cidade de Tomé de Souza e Luiz Dias;
- o exemplo do urbanismo português de cidade alta e baixa;
- a integração da intervenção planejada com a espontânea;
- a demonstração de que mesmo intervenções recentes não são capazes de destruir uma carga potente de tradição e história;

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Marieta; SMITH, Robert; DTT, Carlos; RUY, Affonso.

HISTÓRIA das Artes na Cidade do Salvador. Salvador, Prefeitura Municipal, 1968.

AUGEL, Moema Parente. Visitantes Estrangeiros na Bahia oitocentista. São Paulo, Editora Cultrix (em convênio com o Instituto Nacional do Livro, MEC), 1980.

AZEVEDO, Thales de. Povoamento da Cidade do Salvador. 3a. ed. Bahia, Ed. Itapuã, 1969.

BAZIN, Germain. 'Architecture religieuse baroque au Brésil, 2v. - Paris, Plon, 1956.

BOXER, C.R. A idade de ouro do Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1963.

CALDAS, José Antonio. Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759. Salvador, Tipografia Beneditina Ltda., 1951.

CALMON, Pedro. História do Brasil, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1956, 5 vols.

FREIRE, Gilberto. O mundo que o português criou. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.

I.P.A.C.Ba., Inventário de proteção do Acervo Cultural, 1º vol. - Coordenação de Paulo Ormino David de Azevedo, Salvador, 1975.

LYNOH, Kevin. L'Immagine della Cittá, Padova, Marsilio Editore, 1964.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo: HUCITEC, Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

- MELLO DE MORAES. Brasil Histórico. Rio de Janeiro, Ed. Pinheiro & Cia. 1866.
- OTT, Carlos. A Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Salvador. Rio de Janeiro, SPHAN, MEC, 1960.
- PINHO, José Wanderley de Araujo. História social da Cidade do Salvador. 1549/1650. Publ. póstuma da Prefeitura Municipal do Salvador Comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade, - 1968, T.1º.
- QUERINO, Manoel. A Bahia de outrora. Bahia. Livraria Econômica, 1916.
- REBOUÇAS, Diógenes e FIGUEIREDO FILHO, Godofredo. Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX. Salvador, Construtora Norberto Odebrecht S.A., 1979.
- ROSSI, Aldo. La Arquitectura de La Ciudad. Barcelona, Colección - Punto y Línea, Editorial Gustavo Gili S.A., 1976.
- RUY, Affonso. História política e administrativa da Cidade do Salvador. Bahia, Tip. Beneditina, 1947.
- SANTOS, Paulo I. Formação de Cidades no Brasil Colonial. Trabalho apresentado no V Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1963.
- SIMAS FILHO, Américo Furtado de. (Coordenador). Evolução Física de Salvador. Salvador, Universidade Federal da Bahia (Núcleo de Publicações do Centro Editorial e Didático), 1980 (Coleção - Estudos Bahianos).

A Cidade do Salvador antes e depois da Independência. In: Ciclo de Conferências sobre o Sesquicentenário da Independência na Bahia em 1973 no Instituto de Música da U.C.Sal. Cida-

de do Salvador, Coleção Cardeal da Silva, Universidade Católica de Salvador, 1977.

SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em